

REVISTA

PLUSO

Guia de teatro

ANO IX N° 96
EXEMPLAR GRATUITO

Jornal do Teatro
Em Cartaz
Antonio De Bonis
Arlindo Lopes
Edwin Luisi
João Falcão
Jorge Fernando
Maria Padilha
Miriam Freeland
Vitor Hugo Marques

Às favas com os escrúpulos

Política e traições em peça de
Juca de Oliveira para Bibi Ferreira

Sem luxo, com dignidade

“ Quando adolescente, eu tinha plena convicção de que seria médico. Aos 18 anos, por diletantismo, fiz um curso de teatro e acabei recebendo elogios dos professores. Mas eu estava determinado a seguir Medicina, uma carreira que me daria uma tranqüilidade financeira maior do que a artística.

Pouco tempo depois, recebi uma bolsa do governo francês para estudar aspectos culturais da França. Foi então que comecei a encarar o teatro como uma possibilidade profissional. Se eu conseguia sobreviver sem muitos recursos lá fora, poderia viver do teatro.

De volta ao Brasil, fui o primeiro colocado na prova para a Escola de Arte Dramática entre 350 candidatas. Começava então uma vida de muito trabalho e muita realização pessoal. Ganhei prêmio de revelação em minha primeira peça, *Ensaio Selvagem*, de José Vicente. Logo estava fazendo televisão, *A Escrava Isaura*, mas nunca deixei de fazer teatro. Televisão é necessário, é uma delícia, mas nela apenas participamos, enquanto no teatro o ator é dono de seu personagem. Em 35 anos, tive a sorte de interpretar grandes personagens, como Freud e Mozart, de trabalhar com atores extraordinários e de ser dirigido por artistas fantásticos.

No Brasil, o teatro não permite vida luxuosa para quem vive dele, apenas um conforto digno. As leis que regem a feita do teatro são muito perversas. Há quase um ano e meio, interpreto 22 personagens em *Eu Sou Minha Própria Mulher*, peça montada sem qualquer patrocínio, que se mantém apenas com bilheteria. Desde que comecei, só conheci dificuldade para se encenar um espetáculo, decorrente do total desinteresse dos governos pela cultura do País.

A burocracia emperra os patrocínios; porém, não será isso que me impedirá de continuar no palco. Afinal, ainda não fiz um Molière. ”

Edwin Luisi, setembro/outubro de 2008



Bebê em cena?

Aos sete meses de gravidez, a atriz Rafaela Amado será a imperatriz brasileira em *Leopoldina*. Baseado nas cartas e no diário de Dona Leopoldina, a peça terá Patrícia Niedermeier dividindo o palco e o papel com Rafaela, que poderá ser substituída pela assistente de direção Paula Sandroni, caso sua filha, a primeira neta da atriz Camilla Amado, nasça antes do fim da temporada, que se estende até novembro no Teatro do Planetário.

Shakespeare para crianças

O Teatro Municipal de Marionetes Carlos Werneck, situado no Parque do Flamengo, apresentará até 30 de novembro, sempre às 11 horas dos domingos, espetáculos adaptados dos grandes clássicos de William Shakespeare especialmente para o público infantil, através das várias técnicas do teatro de bonecos. Todas as apresentações são gratuitas.

Machismo revisto

Em tempos politicamente corretos, o texto machista da comédia musical *Os Cafajestes*, em cartaz no Teatro das Artes, teve de ser adaptado ao momento atual. O diretor Fernando Guerreiro retirou alusões à violência contra a mulher em piadas ou canções. Da estréia em Salvador, em 1994, à temporada carioca, a peça foi assistida por 250 mil pessoas durante os anos em que permaneceu em cartaz.

Na hora do lanche

O projeto Degustação Poética e Teatral, no Centro Cultural Justiça Eleitoral, oferece café com pães e biscoitos todos os sábados, às 17h, ao público que vai assistir à performance da Cia de Teatro Íntimo com poemas e esquetes que contam a história do voto no País. Em outubro serão mostrados trabalhos de Adélia Prado. Em novembro, de Manoel de Barros. Dezembro é mês de Vinícius de Moraes.

Arlindo Lopes

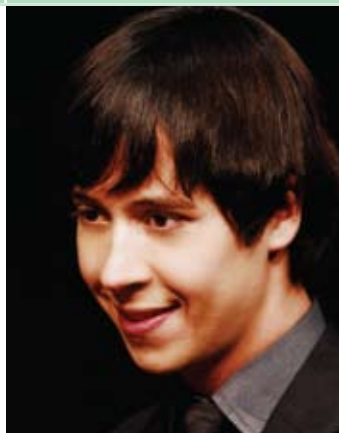
Os ventos da mudança

Num desses domingos, me vi sozinho em frente ao Teatro Leblon observando os cartazes de *Ensina-me a Viver* e *A Ver Estrelas*. Não tinha ninguém por ali, era tarde, só eu e o teatro.

Lembrei-me de como foi tortuoso o caminho para produzir *Ensina-me a Viver*: comprar os direitos autorais, procurar uma diretora de produção, buscar patrocínio, escolher o diretor ideal, formar um elenco e uma equipe especial e, principalmente, encontrar a Maude que encantaria Harold.

Naquele momento, tive a certeza de que sou uma pessoa de sorte, não só por conseguir realizar o espetáculo que tanto sonhei, da forma mais linda, mas por ter na minha vida pessoas como Glória Menezes, João Falcão, Maria Siman, Aracy Balabanian e tantos outros amigos. Quis ligar para cada um e dizer o quanto são importantes na minha trajetória, mas aquilo pareceria piegas, e além do mais já passava da meia-noite.

Pensei como sou privilegiado de estar em cartaz, também, com o personagem Jonas no infanto-juvenil *A Ver Estrelas*, de João



Arlindo Lopes é Harold em *Ensina-me a Viver*

Falcão. Pensei nas várias pessoas que saem de ambos os espetáculos, emocionadas, e que nos dizem palavras afetuosas. Aí tive outra certeza: a de que não quero mais parar de produzir.

De repente estava eu, ali, em pé, olhando aqueles cartazes e emocionado, fui mais longe ainda, quando aos 16 anos peguei o ônibus da Vila da Penha para Laranjeiras – um bairro que nem conhecia – para me matricular no curso de teatro da CAL. Foi um dia especial. Feita a inscrição, a caminho de casa, senti o peito apertado, uma falta de ar. Sem entender muito a causa, abri a janela e o vento começou a bater no meu rosto. Fiquei aliviado, porque compreendi o que sentia... Os ventos da mudança anunciavam o que estava por vir: minha realização e felicidade através do Teatro.”

MONSTRA

Batalhadora, sofredora, romântica, durona, serena, agressiva. Essas e outras diferentes facetas da mulher do mundo atual, que concilia diferentes papéis sociais e dificilmente pode ser definida por apenas uma de suas características, estão em *Monstra*, comédia escrita e estrelada por Patrícia Travassos, em cartaz no Teatro dos Quatro. A peça é baseada nas crônicas que Patrícia reuniu no livro homônimo, lançado em 2006, e que escreveu já pensando em adaptar para o palco ou para

Patrícia Travassos mostra a múltipla mulher atual

Por Olga de Mello

uma série de televisão. “Tem um pouco de minhas experiências, de relatos de amigas e até de histórias que vi em jornal. Sempre que escrevo, penso no palco, porque minha origem é o teatro”, conta Patrícia.

O espetáculo é dirigido por Jorge Fernando, o maior incentivador da transformação das crônicas em peça. No lançamento do livro, ele já cobrou de Patrícia que utilizasse o material para uma comédia. “A multiplicidade de cada mulher e as crises que elas experimentam são um material interessantíssimo para o teatro. Tanto que o público reage às gargalhadas”, diz Jorge Fernando.

Patrícia confirma a influência do diretor na elaboração da peça: “Ele dizia que as crônicas tinham que ir para o palco. Sempre conversávamos sobre isso. Um dia, resolvemos montar. Então, fui mexer no texto, juntei algumas histórias e procurei brincar um pouco com esse tema, das mulheres que não são apenas mães ou apenas pessoas que querem se envolver romanticamente com outros. Não queria bater na tecla da maternidade ou das dificuldades dos romances na maturidade. É um espetáculo leve, irônico, divertido. O humor é uma linguagem com a qual eu e o Jorginho nos identificamos”, diz a atriz.

Para alinhar os diversos tipos de mulher, Patrícia criou uma terapeuta que faz palestra em uma conferência de auto-ajuda – que ela própria interpreta. A palestrante está passando por uma grande crise existencial, questionando sua vida amorosa, o envelhecimento, o futuro e o presente. Ao citar os casos que garante corrigir com seu

método, a terapeuta vivencia os problemas de várias personagens e termina caindo em todas as armadilhas emocionais que pretende curar.

“As crônicas foram um exercício pessoal, pois eram publicadas em uma revista feminina, mas não havia aquele gênero tipicamente mulherzinha. O espetáculo também é aberto para homens e mulheres. Aliás, os homens se divertem muito com aquela maluca que conta histórias de fácil identificação, enquanto se confunde e assume a identidade das pessoas que estão nos casos que ela relata. Eu costumo dizer que teatro emagrece pelo vigor, pela vitalidade que gera. A televisão, embora seja uma forma de nos tornarmos populares, é muito previsível. Adoro atuar ao vivo, sentir a troca de descobertas com o público do teatro. A gente se sente mais alerta. Quando tenho espetáculo, passo o dia inteiro em função da peça”, afirma Patrícia, que divide o palco com Ricardo Duque e Daianny Cristian.

Quem é ela

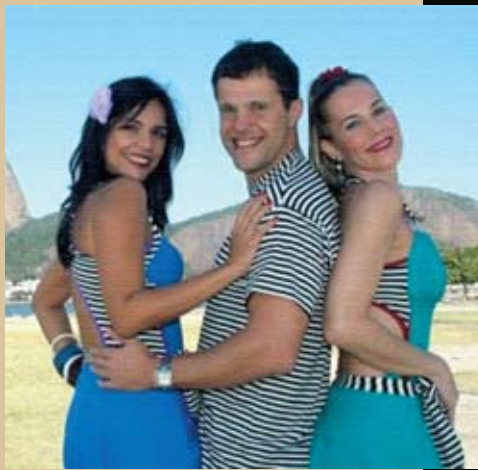
Patrícia Travassos iniciou sua carreira nos anos 70, no grupo teatral Asdrúbal Trouxe o Trombone, ao lado de nomes como Regina Casé, Luiz Fernando Guimarães, Hamilton Vaz Pereira, Perfeito Fortuna e Evandro Mesquita. Nos anos 80, compôs canções e dirigiu espetáculos da irreverente banda de rock Blitz. Sua estréia na TV ocorreu na mesma década, quando criou, escreveu e fez roteiro para diversos programas.

Uma cidade em verso e prosa

Duas homenagens ao Rio de Janeiro e à alma carioca

Uma das cidades mais cantadas do mundo, o Rio de Janeiro é cenário e tema de dois musicais em cartaz na cidade. Enquanto *Ao Meu Rio - Declarações de Amor: uma Exaltação Musical*, que está no Teatro do Café Pequeno, é exatamente o que o longo título diz – uma sucessão de canções que retratam a cidade boêmia, enaltecendo a beleza natural da cidade e o espírito carioca –, *Opereta Carioca*, no Teatro Maison de France, conta a história de um amor através da música produzida no Rio de Janeiro ao longo do século XX.

Para Antonio De Bonis, não há melhor forma de falar sobre a alma carioca e o encanto que a cidade desperta em seus moradores e visitantes do que por meio da música. Por isso, incluiu entre as 40 canções escolhidas para *Ao Meu Rio*, algumas compostas por músicos estrangeiros, como Barry White, Peter Allen e Barry Manilow. “Dividi o espetáculo em blocos temáticos. Tem o sonho do interiorano que chega à cidade grande, com músicas de Genivaldo Lacerda, Jackson do Pandeiro e Renato Teixeira, e há também explícitas declarações de amor ao Rio. Tentei mostrar aspectos cantados por Braguinha, Tom Jobim, Caetano Veloso, Ary Barroso, por cariocas da gema e por cariocas que adotaram como sua esta cidade”, conta De Bonis, nascido na Itália, mas criado no Rio.



Auto-estima

Além das 40 canções interpretadas por Andrea Veiga, Stella Maria Rodrigues e Renato Rabelo, foram selecionados poemas que expressam o amor confesso ao Rio, escritos por Carlos Drummond de Andrade, Vinicius de Moraes, Ferreira Gullar, Millôr Fernandes e Pablo Neruda, entre outros. O propósito, afirma De Bonis, é resgatar a auto-estima da cidade. “Qualquer metrópole é muito complicada, temos sérios problemas sociais. É importante lembrar ao carioca como o Rio de Janeiro é vista pelos artistas daqui e de fora. Faz um enorme bem a todos nós”, diz De Bonis, que também dirige o espetáculo.



Romance ao som de samba

A opereta, gênero leve de teatro musicado, derivado da Ópera-Bufa, na qual estrofes cantadas fazem parte da narrativa, conheceu seu apogeu no fim do século XIX e início do século XX. Em *Opereta Carioca*, o pesquisador Gustavo Gasparani, especialista em musicais, quis trazer este tipo de comédia romântica musicada para a atualidade, utilizando diferentes tipos de samba –samba-canção, samba-choro, samba de enredo, partido-alto, samba de breque e samba-afro – para contar o romance entre duas figuras emblemáticas do imaginário brasileiro: a Cabrocha, vivida por Soraya Ravenle; e o Malandro, interpretado pelo próprio autor. “Para uma cidade que transborda musicalidade, nada como uma opereta. O Rio sempre viveu intensamente sua música. Aqui estavam a Rádio Nacional, os cassinos. Existe uma tradição musical fortíssima, que sempre gera espetáculos bem recebidos pelo público, sejam os jovens que passaram a cultivar o samba recentemente ou os mais velhos que recordam a época de ouro da MPB”, diz João Falcão, convidado por Gasparani e por Soraya para a direção do espetáculo.



Às favas com os escrúpulos

**Bibi Ferreira estrela comédia de Juca de Oliveira
que satiriza a situação política no Brasil**

Por Olga de Mello

FOTOS: JOÃO CALDAS E WILLIAN AGUIAR / DIVULGAÇÃO

Em teatro, Bibi Ferreira já fez de tudo com sua voz, aproveitada em dezenas de interpretações magistrais em musicais. “Mas nunca falei tanto assim”, brinca a veterana atriz, referindo-se às 70 páginas de texto que lhe são reservadas na peça *Às Favas com os Escrúpulos*, que chega ao Teatro Clara Nunes depois de mais de um ano de temporada em São Paulo. Aos 86 anos, Bibi é aplaudida em cena aberta pelo menos dez vezes, conta o ator Gracindo Junior, com quem divide o palco. Para Bibi, os aplausos se devem ao

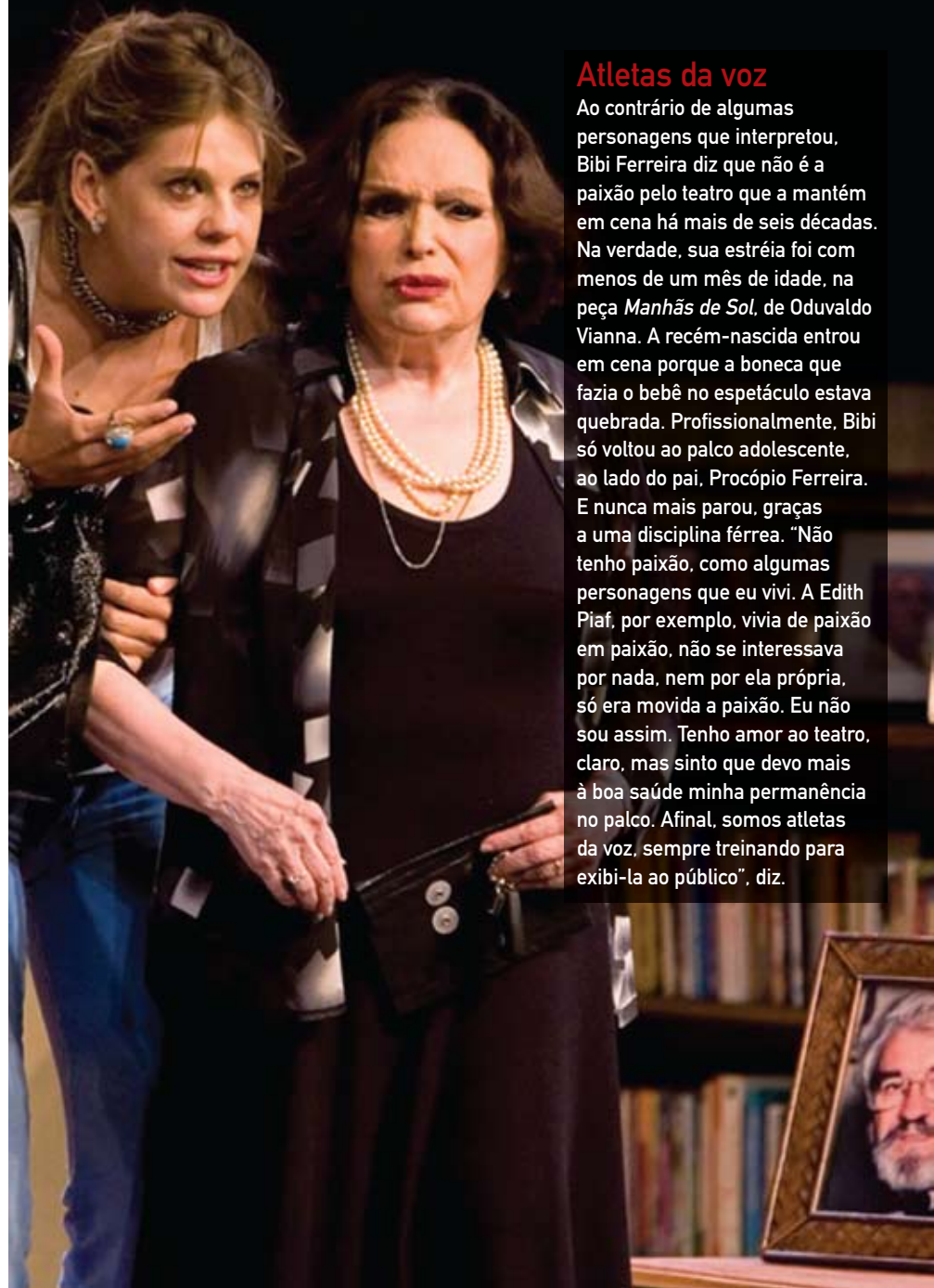
texto, escrito especialmente para ela por Juca de Oliveira.

“Trabalhei tantas vezes com o Juca... e sempre dizia que ele tinha que escrever uma peça para mim. E quando ele finalmente escreveu, tratou de me botar no palco o tempo inteiro. Depois de tantos musicais, é ótimo fazer uma comédia. Principalmente uma que fale tão diretamente a todos, público e elenco”, diz Bibi, que vive Lucila, uma mulher que descobre que o senador Bernardo, com quem está casada há 40 anos, tem uma amante, a secretária de seu gabinete em Brasília.

>> Estranho país

As associações à cena política brasileira são inevitáveis. “A peça atinge as pessoas. O público ri muito, aplaude, mas há momentos de silêncio brutal, de suspense, que é quebrado com gargalhadas por alguma piada. O texto é muito bem elaborado e muito feliz ao juntar a sujeira que existe neste país com a situação de uma mulher comum que é passada para trás. Aliás, parece ser da natureza dos homens passar os outros para trás. Ao tocar nisso tudo, o Juca nos faz refletir sobre o nosso muito estranho país, que precisava fechar para balanço”, acredita Bibi.

Sob a direção de Jô Soares, estão no elenco também Bárbara Paz, Neusa Maria Faro e Daniel Warren. Gracindo Junior aceitou substituir Juca de Oliveira, que interpretava Bernardo, cedendo aos apelos do amigo. “Juca não podia vir com a peça para o Rio, mas hesitei muito em ficar no lugar dele. O elenco inteiro já estava acostumado a um ritmo que ele havia imposto. Porém, a oportunidade de contracenar com Bibi Ferreira, depois de ter sido dirigido por ela por cinco vezes, era uma honra que eu não poderia dispensar. Estar ao lado de Bibi é um aprendizado de vida”, afirma o ator.



Atletas da voz

Ao contrário de algumas personagens que interpretou, Bibi Ferreira diz que não é a paixão pelo teatro que a mantém em cena há mais de seis décadas. Na verdade, sua estréia foi com menos de um mês de idade, na peça *Manhãs de Sol*, de Oduvaldo Vianna. A recém-nascida entrou em cena porque a boneca que fazia o bebê no espetáculo estava quebrada. Profissionalmente, Bibi só voltou ao palco adolescente, ao lado do pai, Procópio Ferreira. E nunca mais parou, graças a uma disciplina férrea. “Não tenho paixão, como algumas personagens que eu vivi. A Edith Piaf, por exemplo, vivia de paixão em paixão, não se interessava por nada, nem por ela própria, só era movida a paixão. Eu não sou assim. Tenho amor ao teatro, claro, mas sinto que devo mais à boa saúde minha permanência no palco. Afinal, somos atletas da voz, sempre treinando para exibi-la ao público”, diz.



Um sopro de vida

Último romance de Clarice Lispector é levado ao palco

A discussão literária sobre a relação estabelecida entre um escritor e sua personagem chega ao palco da Casa da Gávea em *Um Sopro de Vida*, baseado no último romance escrito por Clarice Lispector poucos meses antes de sua morte, em 1977. “Além de tratar das angústias vividas pelo escritor, um homem de meia-idade, o texto fala no temor natural perante a morte e propõe uma reflexão sobre a própria obra artística e seu momento de criação”, diz o diretor Roberto Bomtempo, que está em cena ao lado de sua mulher, Miriam Freeland.

O casal foi convidado a encenar a peça pela roteirista Susana Schild, responsável pela adaptação do romance. “Foi uma oportunidade de desenvolvermos um projeto juntos, lado a lado. Roberto já havia me dirigido,

chegamos a trabalhar na mesma telenovela, mas nunca tínhamos contracenado. A experiência é muito curiosa, não apenas por tocar em pontos de uma relação pessoal, mas principalmente porque Clarice é uma grande interrogação. Um espetáculo em cima de uma criação de Clarice é um grande exercício para qualquer ator, porque tudo é questionado à exaustão”, diz Miriam.

Roberto Bomtempo, que divide a direção com Daniel Dias da Silva, admite não ser um especialista em Clarice Lispector, mas um admirador de sua obra, que começou a ler ainda na escola. A multiplicidade do universo que ela delineia, com incursões profundas a respeito da psique de cada personagem, permite várias leituras de suas criações, diz Bomtempo.

“Gosto muito das crônicas de Clarice, das cartas que ela escrevia às irmãs, de entrar em seu mundo particular, da mulher em sintonia com o mundo, com a família. A escritora, no entanto, é intrigante, porque tudo é muito específico e bem construído, exigindo tempo para sua compreensão. A angústia que permeia toda sua obra é inerente ao ser humano, que consegue viver a rotina diária sofrendo pressões existenciais que estão acima das obrigações básicas. Clarice mostra isso claramente nesse homem que debate com seu próprio destino ao dizer ‘a vida me quis escritor’. Ao mesmo tempo em que cria seus personagens, ele se sente atormentado, dominado pelas criações. Esta discussão sobre o momento em que a criação ganha vida própria é intrigante e instigante”, afirma Roberto Bomtempo. A conferir.

Uma vida literária

Nascida na Ucrânia, Clarice Lispector chegou ao Brasil em 1922, aos dois anos de idade. A família fugia da perseguição aos judeus após a Revolução Russa. Ao publicar seu primeiro romance, *Perto do coração selvagem*, em 1944, rompe com a tendência essencialmente regionalista que dominava a literatura brasileira. Os personagens desenvolvidos por Clarice não denunciavam a disparidade social brasileira, mas vivenciavam dramas existenciais, ignorando, por vezes, a própria trama. Saudada pela crítica pela inovação que traz à cultura brasileira, Clarice trabalhou como jornalista e escritora, deixando uma obra consistente e questionadora. *Um Sopro de Vida*, que começou a escrever em 1974, só foi publicado um ano após sua morte. O romance conta a história de um escritor que vê na personagem que criou tanto alguém que detesta quanto seu próprio reflexo. Ângela, a personagem, toma vida própria, desafiando seu criador, revelando os conflitos de um autor quanto a seus impulsos e a dificuldade de aceitar que os destinos se cumpram sem sua interferência.



Cordélia Brasil

A polêmica personagem de Antonio Bivar faz 40 anos e chega ao Sesc

Por Olga de Mello

Quarenta anos depois da primeira montagem, a peça *Cordélia Brasil*, de Antônio Bivar, ainda causa indignação, afirma Maria Padilha, que encarna a personagem título. “Ainda não identificamos o que detona os olhares furiosos de alguns casais idosos que permanecem de braços cruzados enquanto o resto da platéia aplaude de pé”, conta Maria, à frente do espetáculo dirigido por Gilberto Gawronski, que chega ao Espaço Sesc Copacabana depois de uma temporada em São Paulo.

Sem procurar retratar fielmente a época em que é ambientada, a montagem manteve o texto original. “Não havia como modernizar a história e deixar gírias que não são mais usadas, como ‘mandar uma brasa legal’. A intenção era valorizar aquele texto que mostra tão bem uma época sem falar o tempo todo em ditadura, pois não pensamos em um espetáculo panfletário”, diz Maria Padilha. Para Gilberto Gawronski, é importante situar o momento histórico, uma época em que toda a liberdade parecia possível: “foi na década de 60 que eu comecei a gostar de literatura e da produção de quem se tornou uma referência para meu trabalho, como Caio Fernando Abreu e José Celso Martinez. Bivar mostra aquele momento

libertário em que a pílula anticoncepcional libera a sexualidade feminina, um tempo em que se sonhava com utopias. Essa liberdade não chegou ainda, pois a sociedade continua sem aceitar mulheres que ganham mais dinheiro que seus companheiros, que escolhem homens mais jovens para amar... A inversão dos papéis, que está em *Cordélia*, ainda vai custar a acontecer”.

Há um ano, Maria Padilha conheceu o texto de Bivar através de José Celso Martinez, que pretendia montar o espetáculo tendo a atriz como protagonista. “Comecei a procurar patrocínio e surgiu a oportunidade de encenar no Sesc. Como o Zé Celso estava ocupado com as comemorações dos 50 anos do Grupo Oficina, convidei Gilberto para a direção e o Cadu Favaro e o George Sauma para fazerem os outros dois personagens. E começou um esforço de amigos, porque o Sesc comprou o espetáculo, mas o dinheiro era curto”, conta. O Marcelo Pies imaginou um figurino garimpando peças em brechós. O Luiz Henrique Dias criou um cenário simples, mas que remete bem à época. Quem assina a luz é Maneco Quinderé. “Sempre fiz teatro assim, dentro do possível, correndo atrás do sonho, que, no fundo, é o tema da peça”, acredita a atriz. >>





>> Sem convenções

Um dos mais respeitados dramaturgos brasileiros, Antonio Bivar cria personagens femininas que se destacam tanto pela autenticidade como se apresentam quanto pelo destemor em enfrentar a vida de formas pouco convencionais. Cordélia Brasil é uma auxiliar de escritório que se prostitui à noite para reforçar o orçamento doméstico e sustentar seu companheiro Leônidas (Cadu Favaro), que pretende criar histórias em quadrinhos. Cordélia traz para casa um jovem cliente de 16 anos, Rico (George Sauma), que passa a morar com o casal, gerando conflitos na relação entre os três.

Censura e prisão

Proibida pela Censura Federal por "amoralidade sem precedentes na história do teatro brasileiro", a peça acabou liberada, mas provocou reações violentas em todas as cidades que receberam a montagem, entre elas o seqüestro da atriz Norma Bengell pelo Exército em São Paulo. Elogiado pela crítica, Bivar recebeu todos os prêmios de Melhor Autor de 1968, em São Paulo (Molière, Governador do Estado e APCA).

N ã O P E R C A

não perca

O espectador assistiu, gostou e indica

FOTOS: DIVULGAÇÃO



Às favas com os escrúpulos

“Aos 86 anos, Bibi Ferreira impressiona pela vitalidade e por sua interpretação apuradíssima, digna da primeira dama do teatro brasileiro. A peça é uma delícia! O texto de Juca de Oliveira falando sobre a política do País também é muito atual”.

Juliana Schalch, atriz

Ao meu Rio

“Essa declaração de amor ao Rio é uma feliz criação de Antonio de Bonis. Tanto o elenco quanto a direção musical são empolgantes”.

Inês Viana, atriz



Ensina-me a viver

“A peça é uma reunião de acertos, que vão da direção do João Fonseca, que traz modernidade a um texto com mais de 30 anos, à unidade do elenco, com destaques para Arlindo Lopes e Glória Menezes, que têm interpretações emocionantes”.

Guilherme Piva, ator

Ele precisa começar

“Felipe Rocha está sempre disposto a questionar conceitos de espetáculo, criação e interpretação em seus trabalhos. Nessa peça, imperdível para quem gosta de teatro, ele se utiliza de recursos simples e muito talento para proporcionar ao público uma mágica e fascinante viagem ao mundo da criação.”

Emílio de Mello, ator



ADVOCACIA SEGUNDO OS IRMÃOS MARX

Uma advogada corrupta e seus preguiçosos assistentes tentam dar golpes nos clientes que os procuram. Texto: Bernardo Jablonski. Direção: Fabiana Valor e Bernardo Jablonski. Com Heloisa Perissé, Marcelo Adnet, Fernando Caruso. **Teatro das Artes** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2540-6004. Terças e quartas, 21h. R\$ 40

AMIGO É PRA ESSAS COISAS

A comédia do estreante Vítor Hugo Marques trata do universo masculino representado por Amadeu, um quarentão com cinco filhos de cinco ex-casamentos. Direção: Daniel Dias da Silva. Com Gláucio Gomes, Dig Dutra, Paulo Giardini. **Teatro dos Grandes Atores** (Av. das Américas, 3.555, Shopping Barra Square, Barra da Tijuca). Fone: 3325.1645. Quartas e quintas, 21h. R\$ 40 (qua.) e R\$ 50 (qui.).

AS FAVAS COM OS ESCRÚPULOS

Bibi Ferreira estrela a comédia de Juca de Oliveira fazendo o papel da mulher de um senador da República que descobre que o marido tem uma amante. Direção: Jô Soares. Com Gracindo Júnior, Bárbara Paz, Daniel Warren. **Teatro Clara Nunes** (Rua Marquês de São Vicente 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-9696. Quinta a sábado, 21h, Domingo, 20h30m. R\$ 80 (qui.,sex. e dom.) e R\$ 100 (Sáb.).

ATO SEM PALAVRAS I

A *Última Gravação de Krapp*. Sérgio Britto apresenta duas peças curtas de Samuel Beckett, que tratam do arrependimento de um homem pelas escolhas de sua vida e a luta de uma pessoa para sobreviver em uma situação desesperadora. Adaptação e direção: Isabel Cavalcanti. **Oi Futuro** (Rua Dois de Dezembro, 63, Flamengo). Fone: 3131.3060. Sexta a domingo, 19h30. R\$ 15.

AO MEU RIO

Declarações de Amor: uma exaltação musical. Bossa-nova, samba e até discoteca são alguns dos gêneros musicais utilizados para falar do Rio de Janeiro. Musical escrito e dirigido por Antonio De Bonis. Com Andréa Veiga, Stella Maria Rodrigues e Renato Rabelo. **Teatro Café Pequeno** (Av. Ataulfo de Paiva, 269, Leblon). Fone: 2294 44809. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$ 30 (qui.) e R\$ 40 (sex.a dom.).

BEATLES NUM CÉU DE DIAMANTE

Charles Möeller e Cláudio Botelho fazem uma releitura das músicas dos Beatles, contando a trajetória de uma jovem da adolescência à vida adulta. Texto: Charles Möeller e Cristiano Gualda. Direção: Charles Möeller. Direção musical: Cláudio Botelho. Com Gottscha, Marya Bravo. **Teatro Leblon – Sala Fernanda Montenegro** (Rua Conde de Bernadotte, 26, Leblon).

Fone: 2529-7700. Quinta, 18h; sexta e sábado, 21h; domingo, 20h. R\$ 50 (qui. e sex.) e R\$ 60 (sáb. e dom.).

OS CAFAJESTES

Comédia musical de Aninha Franco brinca com os principais clichês do machismo e suas conseqüências, ilustrados por clássicos da MPB. Direção: Fernando Guerreiro. Com Fábio Lago, Juan Alba, Leo Jaime e Osvaldo Mil. **Teatro das Artes** (Rua Marquês de São Vicente 52/ 2º piso, Shopping da Gávea). Fone: 2540-6004. Segunda e terça, 21h. R\$ 50.

CAIDAÇA

A *Verdadeira Falsa Cantora de Cabaré*. Stella Miranda dirige e estrela o espetáculo sobre uma mulher a caminho da terceira idade, cuja vida é embalada nas músicas de Tom Waits e Amy Winehouse. Com Carol Machado e Daniel Kristensen. Coreografia de Deborah Colker. **Espaço Cultural Sérgio Porto** (Rua Humaitá, 163, Humaitá). Fone: 2266-0896. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$ 40.

AS CENTENÁRIAS

Dois carpeideiras, que passam a vida em velórios e enterros no interior do Nordeste, encontram com celebridades locais e entram em confronto com a Morte. Texto: Newton Moreno. Direção: Aderbal Freire-Filho. Com Marieta Severo, Andréa Beltrão e Sávio Moll. **Teatro Poeira** (Rua São

João Batista, 104, Botafogo). Fone: 2537-8053. Quinta, sexta e sábado, 21 h. Domingo, 20 h. R\$ 60 (qui., sex. e dom.); R\$ 70 (sáb.).

CORDÉLIA BRASIL

Censurada em 1968, quando foi estrelada por Norma Benguell, a tragicomédia de Antônio Bivar sobre a auxiliar de escritório que se prostitui para sustentar seu companheiro ganha nova montagem com Maria Padilha, Cadu Fávero e George Sauma. Direção: Gilberto Gawronski. **Espaço Sesc** (.R. Domingos Ferreira, 160, Copacabana). Fone: 2547-0156. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 19h30. R\$16.

ÉDIPPO E SEUS DUPLOS

Monólogo criado e dirigido pelo ator Samir Murad, que representa um Édipo já velho e cego relembrando seu passado. **Centro Cultural Solar de Botafogo - Espaço II** (Rua General Polidoro, 180, Botafogo). Fone: 2543-5411. Sexta e sábado, 21h30. Domingo, 20h30. R\$ 30.

ELE PRECISA COMEÇAR

O ator Felipe Rocha é o autor do monólogo em que reflete sobre as fronteiras entre ficção e realidade enquanto interpreta um escritor que cria diferentes enredos para uma peça. Direção: Alex Cassal e Felipe Rocha. **Teatro do Jockey** (Rua Mário Ribeiro, 41, Gávea). Fone: 2540-9853. Sexta a domingo, 21h. R\$ 15.

ENSAIOS DE MULHERES

Os bastidores de uma decadente orquestra feminina. Texto: Jean Anouilh. Direção: Daniel Herz. Com Anderson Mello, Charles Fricks, Felipe Mônaco. **Teatro dos Quatro** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-9895. Terça e quarta, 21h30. Quinta, 17h. R\$ 40.

ENSINA-ME A VIVER

Glória Menezes é Maude, mulher de quase 80 anos que festeja a vida e faz amizade com Harold, rapaz rico e depressivo. Texto: Colin Higgins. Tradução: Millôr Fernandes. Direção: João Falcão. Com Arlindo Lopes, Ilana Kaplan, Fernanda de Freitas e Augusto Madeira. **Teatro Leblon – Sala Marília Pêra** (Rua Conde de Bernadotte, 26, Leblon). Fone: 2529-7700. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$ 60 (qui.), R\$ 70 (sex.), R\$ 80 (sáb. e dom.)

GOTA D'ÁGUA

A tragédia clássica de Medeia transportada para a realidade de um conjunto habitacional carioca por Paulo Pontes e Chico Buarque. Direção: João Fonseca. Com Izabella Bicalho, Thelmo Fernandes. **Centro Cultural Veneza** (Rua do Russel, 632, Glória). Fone: 2555-7262. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 19h. R\$ 40 (qui. e sex.); R\$ 60 (sáb. e dom.);

AS IRMÃS SIAMESAS

Drama de José Rubens Siqueira sobre família e os meandros do universo

feminino. Direção: Néia Barbosa. Com Ana Saab, Rafaela Veronese e Fernando Sahium. **Sesc Tijuca** (Rua Barão de Mesquita 539, Tijuca). Fone: 3238-2100. Sexta, 21h. Sábado e domingo, 20h. R\$ 12.

LEOPOLDINA

Cartas e Relatos. Drama inspirado na figura histórica de Maria Leopoldina Josefa Carolina de Habsburgo, princesa da Áustria e imperatriz do Brasil. Concepção e Direção: Hugo Rodas Com Patrícia Niedermeier e Rafaela Amado. **Teatro do Planetário** (Av. Padre Leonel Franca, 240, Gávea). Fone: 2274-7722. Terça a sábado, 21h. Domingos, 20h. R\$ 25 (ter. a sex.). R\$ 30 (sáb. e dom.)

O LIVRO

A comédia de Rafael Martins mostra um casal que se encontra no apartamento onde já moraram por anos. Direção: Angel Polomero. Com Kátia Saules e Ricardo Marecos. **Teatro Vanucci** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea, Gávea). Fone: 2239-8545. Terça e quarta, 22h. R\$ 40.

MANUAL PRÁTICO DA MULHER DESESPERADA

Uma mulher solteira se desespera com a solidão em uma noite de sábado. Baseado em texto de Dorothy Parker. Adaptação e direção: Ruiz Bellenda. Com Adriana Biroli e Cadu Scheffer. **Teatro Candido Mendes** (Rua Joana Angélica 63, Ipanema). Fone: 2267-7295. Terça e quarta, 21h. R\$ 30.

MISCELÂNEA

Musical trata da realidade brasileira, falando sobre má distribuição de renda, corrupção e baixa auto-estima da população ao som de canções da MPB. Texto e direção: Pitty Webo. Com Álvaro Abrahão, Andréa Néri. **Teatro Clara Nunes** (Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea, Gávea). Fone: 2274-9696. Terça e quarta, 19h30. R\$ 40.

MISTÉRIO NA MANSÃO

O Caso da Cantora Cantonesa. Um público de apenas 35 espectadores percorre diversos cômodos da sede da Fundação Eva Klabin enquanto se desenrola o espetáculo: uma trama policial inspirada no jogo Detetive. Texto e direção: Jonas Klabin. Com Marcos Oliveira, Ana Kutner, Dora Pellegrino. **Fundação Eva Klabin** (Av. Epitácio Pessoa, 2.480, Lagoa). Fone: 3202-8550. Sexta e sábado, 20h. Domingo, 18h. R\$ 60.

MONSTRA

Uma autora de livros de auto-ajuda, interpretada por Patrycia Travassos, é a prova viva de que seus ensinamentos não funcionam muito bem. Texto: Patrycia Travassos. Direção: Jorge Fernando. Com Ricardo Duque e Daianny Cristian. **Teatro dos Quatro** (Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2239-1095. Quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h30. R\$ 60 (qui. e sex.). R\$ 70 (sáb. e dom.)

NENÉ BONET

A Cia Quem São Esses Caras lembra os 25 anos de morte de Janete Clair com um espetáculo baseado no único romance publicado pela escritora, que fala na evolução de uma mulher no início do século 20. Adaptação: Carla Faour. Direção: Henrique Tavares. Com Antonio Fragozo, Amélia Bittencourt. **Teatro I do Centro Cultural Banco do Brasil** (Rua Primeiro de Março, 66, Centro). Fone: 3808-2020. Quarta a domingo, 20h. R\$ 10.

A NOVIÇA REBELDE

Baseada em fatos reais, a história de amor entre uma jovem noviça e seu patrão às vésperas da Segunda Guerra Mundial, tornou-se um dos mais populares musicais da história e estréia no Rio em superprodução assinada por Cláudio Botelho e Charles Möeller. Com Héron Capri, Vera Canto e Mello, Fernando Eiras. **Oi Casa Grande** (Av. Afrânio de Mello Franco, 290, Leblon). Fone: 2511-0800. Quarta, quinta e sexta, 20h30. Sábado, 16h e 20h. Domingo, 16h. R\$ 60 a R\$ 120 (qua.). R\$ 90 a R\$ 150 (qui. e sex.). R\$ 120 a R\$ 180 (sáb. e dom.)

OPERETA CARIOCA

O musical de Gustavo Gasparani conta o romance entre a Cabrocha e o Malandro através de diferentes tipos de samba. Direção: João Fonseca. Com Soraya Renvéle e Gustavo Gasparani. **Teatro Maison de France** (Av. Presidente Antônio Carlos, 58,



Centro). Fone: 2544-2533. Quinta a domingo, 19h30. R\$ 40 (qui. e sex.) e R\$ 50 (sáb. e dom.).

PARA ACABAR DE VEZ COM O JULGAMENTO DE ARTAUD

Baseado em textos, poemas e manifestos do dramaturgo Antonin Artaud, internado por nove anos como louco em um manicômio na França, o ator Samir Murad criou o monólogo em que fala sobre arte, criação e censura. Texto: Antonin Artaud. Concepção e interpretação: Samir Murad. **Centro Cultural Solar de Botafogo**. (Rua General Polidoro, 180, Botafogo). Fone: 2543-5411. Sexta e sábado, 19h30. Domingo, 18h30. R\$ 30.

RENATO RUSSO, A PEÇA

Bruno Gomlevsky interpreta o roqueiro nesta biografia entremeada por canções do Legião Urbana. Texto: Daniela Pereira de Carvalho. Direção: Mauro Mendonça Filho. **Teatro João Caetano** (Praça Tiradentes, s/n, Centro). Fone: 2221-1223. Sexta e sábado, 19h30. Domingo, 18h30m. R\$ 20.

O SENHOR DAS FLORES

O amor de dois homens por uma mesma mulher é analisado pelo ponto de vista masculino. Texto: Vinicius Márquez. Direção: Caco Ciocler. Com Jonas Bloch e Beto Coville. **Teatro dos Quatro** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2239-1095. Terça e quarta, 19h30. R\$ 20.

A SOMA DE NÓS

A amizade entre um viúvo e seu filho. Texto: David Stevens. Tradução e adaptação: Flávio Marinho. Direção: Eduardo Figueiredo e Cíntia Alves. Com Luiz Carlos de Moraes, Maurício Machado, Guilherme Winter e Mara Manzan. **Teatro Vanucci** (Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2239-8545. Quinta a sábado, 19h30. Domingo, 19h. R\$ 40 (qui. e sex.) e R\$ 50 (sáb. e dom.).

SOPRO DE VIDA

Baseado no romance de Clarice Lispector, a peça mostra um escritor dialogando com a personagem que criou, questionando qual dos dois leva o outro a viver. Adaptação: Suzana Schild. Direção: Roberto Bomtempo e Daniel Dias da Silva. Com Roberto Bomtempo e Miriam Freeland. **Casa da Gávea** (Praça Santos Dumont, 116, Gávea). Fone: 2239-3511. Sexta e sábado, 21h30. Domingo, 19h30. R\$ 30.

TPM - TERAPIA PARA MULHERES

Em uma festa, mulheres falam sobre seus problemas, como solidão e medo de envelhecimentos, além de síndrome do pânico, bulimia e TOC. Texto: Paula Giannini. Direção: Amauri Veras. Com Paula Giannini, Amauri Ernani. **Teatro Candido Mendes** (Rua Joana Angélica 63, Ipanema). Fone: 2267-7295. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$ 30.

Um dia na Serra

Assistiu uma ótima peça na sexta-feira? Acorde tarde no sábado e aproveite esse tempinho frio para dar um passeio na serra. Vá até o Vale das Videiras, em Araras, e almoce na **Pousada das Videiras**, a 75 km do Rio. Uma experiência inesquecível. O lugar é especial, com muito verde, lago, pavões andando pelo jardim. Uma atmosfera de paz e tranquilidade perfeitas.

A Erni tem realmente “mãos de fada”. Tudo que ela faz, com produtos fresquinhos e da melhor qualidade, fica encantador e saboroso.

Peça de entrada um creme de abóbora com camarão e azeite trufado, ou polenta com funghi e framboesa... Sentiu o clima? Como

prato principal, um risoto com lascas de presunto de parma, funghi e amêndoas... Também muito bom é o ossobuco com chantilly de baroa e cebolas fritas.

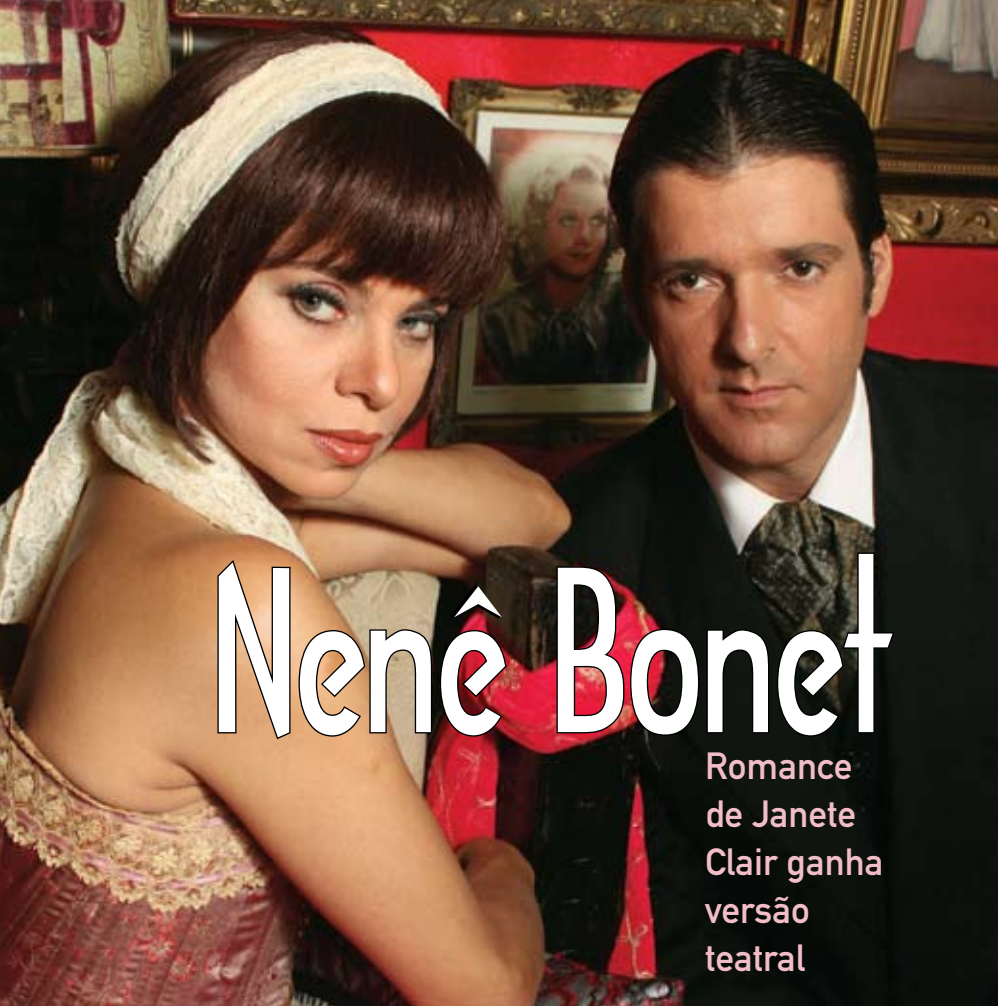
As sobremesas você deve sorrear, pois é impossível escolher... Comi um mil folhas (harumari) com maçãs em cubinhos e panacotta de limão. Uma ótima alternativa é a bavaroise de canela com telha de mel e arroz doce. Tudo acompanhado por um vinho, indicado pelo Gaspar.

Pena mesmo dá de voltar... mas caso queira pernoite por lá, não irá se arrepender... os chalés são lindíssimos e muito confortáveis.

www.videiras.com.br

Fone: (24) 2225-8090





Nenê Bonet

Romance
de Janete
Clair ganha
versão
teatral

Um dos principais expoentes da teledramaturgia brasileira, a escritora Janete Clair jamais escreveu especificamente para teatro. A saga de uma mulher que procura sua liberdade enquanto discute a condição feminina na primeira metade do século 20 está em *Nenê Bonet*, adaptação do romance que Janete publicou em fascículos na revista *Manchete*, na década de 70,

que a Cia Quem são Esses Caras? Leva ao palco do Teatro II do Centro Cultural Banco do Brasil.

Folhetim

Foi em um sebo do Centro do Rio que a atriz Carla Faour encontrou um volume de *Nenê Bonet*. Ela já havia transformado em peça o romance de Nélida Piñon, *A Força*

do *Destino*, e procurava outro texto literário que pudesse adaptar para teatro. “Gosto do exercício de transformação dos textos em ação. Como Janete era uma especialista em encenações, o romance tem muitos diálogos, o que facilita a adaptação”, diz Carla, uma admiradora confessa do gênero folhetim. “Uma autora muito popular, como Janete, é a versão moderna do típico criador de folhetins. Os escritores hoje considerados clássicos, como Balzac e Machado de Assis, costumavam publicar capítulos de suas histórias em jornais antes de organizar tudo em um só livro. E sempre utilizavam um pouco de suspense para prender a atenção dos leitores. Exatamente como se faz hoje na telenovela!”.

Romance de fácil leitura, *Nenê Bonet* não é superficial, afirma Carla, e traz os ingredientes explorados por Janete Clair em diversas tramas para rádio e televisão, como amores impossíveis, segredos de família, paixões fulminantes, sexo, dinheiro e mistério. O espetáculo, dirigido por Henrique Tavares, terá dez atores em cena e um cenário reproduzindo o Rio de Janeiro logo após a reforma urbanística promovida pelo Prefeito Pereira Passos.

Maxixe

“A transformação da cidade provinciana, que se preparava para ser uma metrópole nos moldes das capitais européias, influenciou aquela sociedade. O comportamento de Nenê, uma moça que chega ao Rio de Valença para se casar com um homem desagradoável, tinha um sopro das questões feministas que começavam a ser discutidas

pelo mundo industrializado. As mulheres queriam votar e ter mais liberdade, sem perder o romantismo. Tivemos o cuidado de inserir muitos elementos da época, como uma trilha sonora com ritmos que se ouviam no Rio de Janeiro. Um deles é o maxixe, que Nenê toca, para escândalo do círculo que frequênta, já que era uma dança considerada sensual demais para os salões”, conta Carla Faour, que vive a protagonista da peça.

Melodramas sociais

A romântica Janete Clair foi a grande revolucionária da telenovela brasileira, ao conceber tramas unindo o melodrama à crítica

social – uma especialidade de seu marido, o dramaturgo Dias Gomes, que a incentivou a escrever na década de 50. Ao deixar de lado as histórias de época e enredos sobre a nobreza, procurava inspiração até em notícias de jornal. Sua obra inclui 31 radionovelas e 21 telenovelas, boa parte delas exibidas pela Rede Globo, que conquistou assim as maiores audiências no País. Apelidada de Nossa Senhora das Oito ou Maga das Oito, por conseguir conquistar os telespectadores no horário nobre da televisão, criou sucessos como *Irmãos Coragem*, *Selva de Pedra* e *Pecado Capital*, entre outros. Morreu em 1983, de câncer, deixando inacabada a novela *Eu Prometo*, que foi concluída por Glória Perez e pelo viúvo Dias Gomes.





Amigo é pra essas COISAS

O homem contemporâneo em busca de uma identidade amorosa

Por Olga de Mello

Os dilemas do quarentão Amadeu, um descasado que pretende aproveitar a vida namorando muito sem se prender a relações duradouras – exceto a que mantém com os cinco filhos e os amigos – se não têm semelhança com a história de vida de seu criador, o jornalista Vitor Hugo Marques, refletem as inseguranças vividas atualmente por uma boa parte da população masculina. “Esses são os problemas do homem contemporâneo, atordoado diante das mudanças da sociedade para a qual não foi

preparado na infância e juventude”, diz ele, autor da comédia *Amigo é pra Essas Coisas*, que chega ao Teatro dos Grandes Atores depois de uma temporada bem-sucedida no Sesc-Tijuca.

A peça foi uma das vencedoras do projeto Jovens Talentos, promovido pelo Sesc em 2007. “Sou um talento novo, mas não jovem”, brinca Vitor Hugo, que só depois dos 50 anos decidiu escrever para o teatro. “Todo mundo achava que eu tinha talento cômico. Fiz cursos e oficinas para aprimorar técnicas e decidi botar algumas idéias de um *vaudeville* moderno no papel”, conta.

Lobo Mau

As semelhanças do autor com seu personagem são as mesmas que teria em comum com outros homens que chegam à maturidade fora do casamento e com filhos para criar. Segundo Vitor Hugo, é comum que homens e mulheres o procurem para dizer que conhecem alguém como Amadeu.

“Os homens se identificam com o personagem, enquanto as mulheres o reconhecem nos namorados, maridos, irmãos e amigos. Afinal, o homem de hoje foi educado para prover uma família e ser servido pela mulher. No entanto, ele cresceu ao lado de mulheres que não se sujeitaram ao papel tradicional de mães e donas-de-casa. Ao mesmo tempo em que aproveita a liberdade sexual e a independência financeira das mulheres, ele ainda não entendeu qual é seu papel neste novo universo. Amadeu está preso a esses modelos masculinos do passado. É um Lobo Mau que não sabe como lidar com sua Chapeuzinho e descobre que as

antigas fórmulas já não surtem o mesmo efeito”, afirma Vitor Hugo.

Em contraponto ao atordoado e galante Amadeu, vivido por Gláucio Gomes, Vitor Hugo Marques criou personagens típicos das comédias leves, como o empregado sonso e a moralista sempre zelosa, pronta a lembrar que a comunidade deve ser protegida do comportamento pouco tradicional.

A História

Amadeu está decidido a aproveitar a vida de solteiro, depois de cinco casamentos fracassados. Determinado a escapar dos relacionamentos íntimos e profundos, que inevitavelmente levam a cobranças e ao fim da liberdade, ele se inscreve em um clube de encontros – apesar de alertado pelos amigos Flávio (Paulo Giardini), um administrador de empresas conservador, e a jornalista esotérica Ana (Márcia Brasil) de que a experiência pode ser desastrosa. A jovem Luciana (Dig Dutra), vinte anos mais nova, parece estar disposta a aceitar uma relação aberta, porém na manhã seguinte ao primeiro encontro, já demonstra que espera algo mais sólido. Ao descobrir que Luciana mora no mesmo prédio que ele, Amadeu entra em desespero, pois a moça está decidida a invadir sua vida, além de querer seduzi-lo em qualquer dependência do edifício, provocando a ira da síndica moralista (Ângela Rabello). E, assim, a confusão está formada...

CENA ABERTA



Jô Soares e Rosamaria Murtinho
em "Deus nos acuda". Teatro
Princesa Isabel, 1975